

Uma especulação do "Correio da Manhã"

O *Correio da Manhã*, depois de nos jogar vários bofes a que não respondemos, visto evitarmos, tanto quanto possível, fazer esgrima de sala irrompia ontem convertido em antepalácio empresário do culto de Nun'Alvares, arvorando o designado "Santo Condestabre" numa espécie de furbundo sócio fundador das Juventudes Monárquicas Conservadoras.

A proposta tem um objectivo tão claro, tão patente, tão inofensivo de transformar a comemoração dum guerreiro que se meteu a frade num número de propaganda monárquica. Que os monárquicos, e os católicos visto que em nome duma táctica que já abandonaram a isso estão amarrados, os façam nos seus centros partidários e pelas maneiras mais convenientes, está muito bem, uma vez que estão possuídos dum tão delirante entusiasmo por Nun'Alvares — o que nós não acreditamos, por sabermos muito bem a falta de sinceridade existente em tudo isso. Onde começa a estar mal é na especulação que fazem, audaciosa em demasia, chegando mesmo a ultrajar a inteligência e, com a inteligência, a dignidade dos que em ideias lhe são adversos.

Uma ideia tem todo o direito a manifestar-se — e só os energúmenos que não amam a liberdade e dela, apesar disso, se servem, para pregar todos os absolutismos e todas as escravidões, pensarão o contrário. A ideia do *Correio da Manhã* é uma antiquilha falsamente remendada e posta à moda com um figurino constitucional que começaram já a repelir, mas tem direito a ser defendida, sem embaraços, no terreno da propaganda como qualquer outra.

Não têm, porém, o direito de usar de *trucs* como este da comemoração de Nun'Alvares para fazerem exhibições, deste modo altamente irritantes e provocadoras.

Em Portugal, abusa-se muito do culto do passado, o que é um sintoma de enfermidade mentalidade e de real e positiva decadência. Os "saudosistas" nunca deitam prova concreta de si, nem na política, nem na literatura. Só vive de recordações quem não vive de realidades. Só os velhos, os vencidos, os impotentes e os esgotados vivem de recordações para que estas lhes afugentem as realidades que eles vêm erigidas de graves problemas e de intransponíveis obstáculos.

Esse culto está bem nos monárquicos que, para se não adaptarem à época em que vivem, puderam olhos na nuca e caíram de joelhos perante a tradição. Não se adapta porém aos que pretendem, por esforços múltiplos, transformar o meio social, e mesmo aqueles que basearam as suas convicções políticas nessa formidável Revolução Francesa, que revolucionou o mundo. Nun'Alvares é uma figura enquadrada na época em que viveu e tão vinda por ela que não é susceptível de modernização, nem de sinceramente sentida nesta época, salvo por esses "saudosistas" precocemente envelhecidos ou corrompidos por snobismo.

Tão bem sentem a verdade que ressaltam destas razões que os do *Correio da Manhã* rodeiam de grandes cuidados a comemoração, não hesitando mesmo em cometer a heresia de lhe alterar a data. «Em 14 de Agosto? Em 1 de Novembro, quando as escolas estiverem abertas e já recolheram a sua casa as pessoas que durante o verão abandonaram as cidades» — dizem os da devoção saudosista. E bem evidente que as damas *chics* e aristocráticas e os rapazes da vanguarda monárquica preferem ficar nas praias a virem representar a comédia bem meditada e bem vestida, duma festinha lá da «juventude» deles.

Há, ainda, um inconveniente. E se, nesse dia de Novembro o céu faz pirraça e a chuva tomba deite, negra e infundável? As dedicações refugiam-se nos patamares das escadas e a manifestação fracassa estrondosamente. Concorremos porém que a manifestação teria o que merece — chuva.

A conferência económica
GENEVA, 10.—O dr. Trendelenburg, na Conferência Económica, atribuiu à comissão de comércio os três seguintes trabalhos: A elaboração dum plano, reduzindo o proteccionismo excessivo, elaborar a unificação das tarifas e estudar os meios de cessar relações comerciais com a Rússia. — (L.)

ALTO! VÁ EM direcção À PARAGEM!...

O Rossio no primeiro dia de experiência do novo trânsito de peões, visto pelo nosso repórter

O Rossio teve ontem todo o dia um aspecto bizarro, por vezes divertido e cómico. O comandante da polícia, tenente-coronel Ferreira do Amaral, a exemplo do que se faz nas grandes cidades e que ele observou há pouco em Madrid, ensaiou uma nova forma de trânsito de peões, o que, como todos os ensaios, deu motivo a farta gargalhada, de mistura com alguns protestos.

Um cordão de polícia postado à entrada dos passeios não permitia que os transeuntes seguissem pelas ruas daquela praça em sentido longitudinal. Para se atravessarem as ruas, tinha o cidadão de procurar a direcção

todos os pontos encontra um civico que com gesto napoléonico lhe grita:
— Siga em direcção à paragem!...
E um outro mais enervado:
— Não vá pelo meio da rua! Isso já se acabou...
O comandante da policia e o capitão Franco dão ordens aos seus subordinados. Agora é um militar que não subordina em direcção à paragem e vai parar ao ponto de partida. Foi o capitão Franco que o obrigou a retroceder, levando-o por um braço...
Depois é o guarda-freio do eléctrico que



Um dos aspectos do novo trânsito de peões no Rossio

de uma paragem de eléctricos. Se refilava, o civico respondia-lhe:

— Aprenda a andar. Isto agora fia mais fino.

— Mas eu tenho pressa, não posso esperar!

— Não tenho nada com isso. São ordens que têm que cumprir-se.

Uma peixeira pretende atravessar a praça carregada. O civico adverte-a:

— E' por ali. Em frente da paragem.

E a varina retorquiu:

— Mas onde é que é a paragem?

— Lá em baixo, ao pé do meu colega...

Mas os colegas eram tantos que a mulher meteu de enfiada em direcção à rua do Amparo. Não tinha, porém, dado dez passos, quando uma voz de trovão a fez parar.

— Alto! Alto! Não pode seguir.

E logo outra voz:

— E' em frente àquella placa dos eléctricos.

Colocámo-nos junto a uma paragem. A nova forma de trânsito criou uma bicha de transeuntes, que de longe se assemelham a uma carreira de formigas.

Neste momento, tem que suspender-se a circulação dos automóveis. E o civico gesticula para o *chauffeur*, acompanhando o gesto a frase:

— Venha mais de-vagar. Agora passam estes.

A confusão é grande. O público, habituado a transitar livremente pela praça, em

largou antes da indicação do sinal. Há protestos, gritos da policia, blasfêmias do empregado da Carris, mas por fim tudo segue, os peões em direcção às paragens, os eléctricos em direcção aos *car-barns*...

Das 18 às 19.30 horas foi quando o Rossio ofereceu melhor a faceta cómica.

Era à hora do encerrar dos estabelecimentos. De todos os lados surgia povoela.

E quando alguém distraidamente avançava fora da área traçada para os peões, ouvia-se a voz do civico:

— Não se pode passar por ali!

— Mas eu tenho a minha vida, preciso de ir ali, defronte — responde o interpelado.

— Vá dar a volta. Ou ali por baixo, ou ali pela esquerda...

Assim se passou todo o primeiro dia de experiência da regulamentação do trânsito de peões. A policia intimando:

— Alto! Siga em direcção à paragem!...

O público:

— Tenho mais que fazer. Não posso ir por ali...

Um amigo nosso que encontramos assistindo ao espectáculo, em presença da hesitação do público e da energia da policia, teve esta frase lapidada que não resistimos à tentação de reproduzir:

— Isto de obrigar um povo que não sabe andar a caminhar metódicamente no Rossio, lembra-nos, aquele professor que obrigava um aluno, que ainda não conhecia o abecedário, a conjugar em todos os tempos um verbo...

A QUESTÃO DO JOGO

"Só num país como o nosso, de constituição burguesa, capitalista e parasitária, no pior sentido do termo, pode suscitar-se"

afirma-nos o dr. Rodrigues Migueis

Conhecem já os nossos leitores as opiniões absolutamente contrárias à regulamentação do jogo, expostos claramente em entrevistas por nós publicadas, pelos drs. srs. Mário de Castro e João Camoesas. Entendemos que tratando-se de um problema de tal assunto, não devíamos ficar por aí e, assim, procuramos o dr. srs. Rodrigues Migueis, professor distinto do liceu de Gil Vicente.

Moço inteligente e estudioso, elemento de destaque na nova geração, o seu depoimento sobre tal matéria impunha-se.

Ouçamo-lo:

Vivemos em regime de batota geral

— A questão do jogo só pode suscitar-se num país de constituição burguesa, parasitária, capitalista no pior sentido do termo, como é o nosso... Numa sociedade perfeita, organizada exclusivamente sobre a base do trabalho e da utilização social dos indivíduos, ninguém ousaria levantar semelhante discussão em torno duma actividade economicamente parasitária e moralmente degradante. Temos, porém, de aceitar provisoriamente os factos como são, e entrar na cealuma...

— Não surpreende, aliás, que em Portugal se discuta o jogo; no nosso país a batota é geral, e anda tudo um pouco ao azar... Batota na finança, batota na instrução, batota na economia — até *mirabile dictu*, consagramos como político mais de um emérito batoteiro profissional... A atitude da imprensa não surpreende em geral: trata-se de uma questão *rendosa*.

Proseguindo:

— Há aqui dois aspectos a considerar: o moral e o juridico. Ligado por tendências do meu espirito a um grupo de homens cuja preocupação dominante é criar uma nova base moral, começando pela reforma do ensino e da educação, é fácil perceber que o primeiro é para mim o mais importante; nele compreendo não só a questão da moral pura, mas a de moral aplicada. E' o aspecto absoluto, inalterável.

— A actividade moral do homem é uma tendência para o bem, uma aspiração continua para mais alto... Quanto se opuser a essa ascensão para o Bem é inteiramente condenável.

O jogo determina um movimento moral contrário ao Bem

— Como outras actividades, o jogo determina um movimento moral ao Bem, a contrário a atitude do homem que pretende, graças a um esforço que não é sequer o seu, visto ser o do acaso, apoderar-se do que é de outrem. Por outro lado, o direito de irmos usufruindo os benefícios da organização social, só deve ser concedido, em condições normais, aos homens que criam alguma coisa, aos que produzem, ou trabalham para o bem-estar geral... O jogador é um parasita perigoso, pois sacrifica tudo à sua paixão brutal, e não é geralmente um elemento social útil. Acentua numa sociedade moralmente boa, o jogador nunca poderá existir; deveremos ser implacáveis contra semelhante doença moral, mais perigosa do que o vicio dos estupefacientes...

— Mas falou no aspecto juridico...

— Quanto ao aspecto juridico... Como se admite a discussão do direito a jogar, num país cujo código penal ainda não revogado, por muito mau que seja, proíbe expressamente o jogo de azar, e comina diversas penas para os seus praticantes? E são os próprios poderes publicos que se lançam nesse caminho! Então onde está o acatamento das leis, senhores representantes da ordem e do respeito pela autoridade? Devo dizer-lhe que a lei, sobretudo a lei penal, tem para mim um valor muito relativo, um valor de classe que a torna desinteressante. No entanto, por acaso a lei nesse ponto está de harmonia com a moral...

— Aproveito. O que o governo tinha, pois, a fazer na sua lógica, era revogar os artigos do Código Penal, restabelecer a liberdade da batota (o que seria duma sinceridade digna de aplauso), e declarar depois que essa liberdade seria regulamentada em breve. Como a questão do jogo praticamente só interessa às classes endinheiradas, exploradoras ou parasitárias, a discussão actual dá-me a dolorosa impressão dum privilégio concedido a essas classes, dum entendimento suspeito... discutir como devemos regulamentar o delicto!

As classes trabalhadoras e o jogo

— A questão do jogo interessa às classes trabalhadoras pela necessidade de prevenir o contágio dum mal que cresce na razão inversa dos meios de que os indivíduos dispõem; entendo que os trabalhadores devem repudiar inteiramente o jogo, eles que vivem do suor do seu rosto, e são tantas vezes vítimas da batota politica e financeira... Por outro lado, o jogo é preciso focalizado como um dos mais graves aspectos demonstrativos da degradação a que dá lugar a formação burguesa e capitalista... da sociedade. A condição burguesa cria necessidades, moralmente condenáveis, vícios a que só porá termo a progressiva proletarianização da sociedade... Para os que não entendam, esclareço que proletarianização não significa empobrecimento nem miséria geral; os bens, a riqueza são indispensáveis; o que é preciso é colocá-los fora dos apetites perigosos, e das aplicações nocivas... O capital tem de funcionar em proveito geral.

— Quanto ao aspecto económico?

— O Mário de Castro já acentuou bastante o aspecto económico da questão. Estou inteiramente pelas suas brilhantes e inteligentes declarações.

O turismo nada tem com o jogo

— E' preciso não confundirmos *turismo* e *jogo*, — continua. Criem-se as condições de

Escândalo da Exposição do Rio de Janeiro

Começou ontem, no Tribunal Militar, o julgamento do sr. Malheiro Reimão, antigo ministro das finanças, que é acusado de desvio de dinheiros em proveito próprio quando desempenhou o cargo de comissário adjunto na Exposição do Rio de Janeiro.

Entre as testemunhas chamadas a depor faltaram os srs. dr. Duarte Leite, Neves da Costa, Jacinto de Oliveira Neto, Leopoldo Fries, Raul Caldeira, Adriano de Vasconcelos e tenente-coronel Gomes Leal.

Pela leitura do libelo accusatório verifica-se que o sr. Malheiro Reimão é accusado de ter desviado trescentos contos tirados dos cofres e mais 700 referentes ao negócio com a casa Terra & Irmão, apontando-se ainda várias irregularidades de escrita.

Em seguida lê-se o relatório do embaixador do Brasil, dr. sr. Duarte Leite, no qual o Comissário Geral da Exposição, official do exercito sr. Lisboa de Lima, é accusado de ser fraco de animo e incapaz de se impor ao pessoal de que se rodeou. A chegada do pessoal causou no Rio de Janeiro uma péssima impressão, assemelhando-se muito, no seu aspecto, pitoresco e caricatural, com uma companhia de variedades.

O sr. Reimão negou terminantemente, durante o seu interrogatório, as acusações que lhe moveram.

Depois como testemunha o sr. Lisboa de Lima, que está também processado pelo escândalo havido com a exposição do Rio de Janeiro.

Atribuiu ao sr. Malheiro Reimão a culpa de ter ido para o Rio pessoal a mais. Mal reberam as campanhas de descredito em volta da exposição, o sr. Reimão pediu para retirar para Portugal, alegando que não tinha feito a construção dos pavilhões, baseado em plantas para fundações.

E acrescentou:

— Calculem, senhores jurados! Enterrar centenas e centenas de contos em edificios sem fundações, quando eu daqui tinha mandado, meses antes! tudo devidamente calculado e estudado!

Também não havia folhas de pagamento ao pessoal que trabalhava por conta da casa Terra & Irmão, como ninguém fiscalizava os fornecimentos por esta feitos, pelo que ele, testemunha, verificou que aquela firma nem um terço do que devia tinha empregado nos trabalhos da Exposição. Contudo está convencido, como sempre esteve, de que o accusado nunca se teria lucupleado com qualquer quantia a mais daquela que a casa Terra & Irmão exigiu.

— Ao informar o embaixador português no Brasil das irregularidades que tinha, deparado, foi-lhe por aquele respondido, que guardasse as queixas para mais tarde a fim de não estragar o almoço de despedida oferecido ao seu, quando deixou o Rio de Janeiro.

Requeri uma victoria aos serviços prestados pela firma visada, mas esta levantou-lhe os maiores embaraços.

Mal chegou a Lisboa o sr. Reimão, empenhou todos os esforços para a sua demissão de comissário geral da Exposição, do que conseguiu, influenciando junto do Governo, da Imprensa e do Parlamento. No entanto, ele, Lisboa de Lima, graças ao descredito a que o sr. Reimão tinha descer a nossa representação, chegou a ter vergonha de passar nas ruas do Rio de Janeiro. Devido ao seu esforço, porém, essa representação resultou brilhante, digna de Portugal, pelo que todos no Brasil lhe renderam as maiores homenagens.

O sr. Lisboa de Lima, entrou em pormenores sobre os negócios com a casa Terra & Irmão, referindo o papel já conhecido do sr. Ricardo Severo, em seguida ao que citou a assinatura de um camarote na ópera do Rio de Janeiro, a compra de um automóvel, etc., com despesas quantiosas feitas e mantidas pelo accusado, durante a sua permanência no Rio de Janeiro.

Entre o defensor e a testemunha estabeleceu-se, por fim, um longo e estirado dialogo a que o presidente de tribunal pôs termo; depois dos jurados terem declarado estarem suficientemente esclarecidos.

A odisseia de uma criança

No dia 24 de Abril, a Cruz Vermelha do Terreiro do Paço conduziu num dos seus auto-macacões ao banco do hospital de S. José uma mulher que foi encontrada sem fala na via pública, aparentemente ter 35 anos de idade, alta, morena, de indumentária pouco cuidada, que se fazia acompanhar de uma criança do sexo masculino, cuja idade deve regular por 3 anos.

Examinada pelo médico de serviço, transitou a referida mulher para a enfermaria de Santa Catarina, do hospital Estéfania, onde ainda se encontra sem ter recuperado a fala.

Condoído da situação da pobre criança, o sr. director dos hospitais civis, dr. Matos Chaves, officiou à Misericórdia de Lisboa pedindo o seu internamento, pedido a que o Provedor daquele estabelecimento lavrou já o respectivo deferimento.

O mais interessante de tudo isto é que a criança vai hoje ser internada na Misericórdia sem nome e sem filiação, visto que a mulher que a acompanhava não fala e o inocente não sabe explicar a sua identidade.

O sr. Roque Laia, chefe da Repartição do Registo de Doentes Hospitalizados, pediu-nos para solicitar a qualquer pessoa que possa informar da identidade da pobre mulher a fineza de se dirigir àquella repartição, que está instalada no hospital de S. José.

MALAS POSTAIS

Por via Marselha são hoje expedidas malas postais para a Índia Portuguesa e Macau, sendo a última tiragem da correspondência da caixa geral às 11 horas da manhã.

ASSINEM Os mistérios do Povo

O volume VI, como os anteriores, é artisticamente encadernado, ao preço de 10\$00; pelo correio 11\$00. Dirigir todos os pedidos à nossa administração.

Secção telegráfica

Federações

METALÚRGICA

João Marques — Rocio de Abrantes —

Recebemos importância relativa aos jornais.

Manuel Pratas de Sousa e António da Costa Santos. — Venham hoje, pelas 20 horas, sem falta, à Federação

Arquivo do Enfermeiro

Publicação mensal de conhecimentos de enfermagem e pequena cirurgia; útil a todos.

Assinaturas trimestre 6\$00 — Anual 20\$00.

Pedidos à administração de "A Batalha".

EFEMERIDES

11 de Maio

- 330—Constantino Magno inaugura solenemente a cidade de Bisâncio que, depois, ficou a denominar-se Constantinopla.
- 1848—Estala a revolução republicana em Baden (Alemanha).
- 1878—Em Berlim, o funileiro Hoedel-Emiliano Henrique Maximiliano dispara dois tiros de revólver contra o imperador Guilherme, não o atingindo.
- 1890—Funda-se em Lisboa o Sindicato dos Funileiros de Metais.
- 1909—Declaram-se em greve os empregados dos Correios de Paris.
- 1919—Após uma greve de curta duração, os operários picheiros portugueses conseguem a jornada de oito horas.
- 1924—Os carregadores e descarregadores de Terra e Mar, de Lisboa, votam a greve.

Lisboa trágica

Curativos no Banco

No Banco do hospital de São José, receberam curativo e recolheram a casa: Maria da Conceição Raimundo, 74 anos, natural de Vila Real de Santo António, internada do Asilo de Santo António dos Capuchos, e que no próprio asilo deu uma queda resultando fractura do braço esquerdo, e Basílio Carção, 32 anos, caixeiro, residente na Vila Grandela, em São Domingos de Benfica, 5, 1.º, que caiu pela escada da residência, ficando ferido nos braços.

Colhido por um cabo

No pósto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e recolheu a casa, Manuel Marques, 45 anos, marítimo, residente na Serra de Monsanto, que na Doca de Alcântara foi colhido por um cabo resultando fratura do fêmur e das pernas.

Queda desastrosa

Na enfermaria de Santo António do hospital de São José, deu entrada Nicolau Caetano, 22 anos, trabalhador, natural e residente em Pontevedra, e que no Cartão, quando seguia numa camionete em andamento, dela caiu, resultando fratura do fêmur e das pernas.

Tentativa de suicídio

Na Sala de Observações do Hospital de São José deu entrada Maria Jesus Santos, 17 anos, natural de Batalha e residente no Bêco dos Apóstolos, n.º 3, r.c., e que tentou suicidar-se.

Nem mesmo em casa...

Na enfermaria de São Francisco do Hospital de São José deu entrada José Moreira Soto, 50 anos, serrador, natural da Galiza e residente no Largo da Faria (Sacavém de Baixo), e que na sua residência deu uma queda, ficando ferido na cabeça.

Na Morgue

Na Morgue deram entrada os cadáveres de João Gomes, 69 anos, proprietário, residente na Rua do Grémio Lusitano, 16, 3.º, e que parece ter-se suicidado na sua residência, e Humberto Dias, 27 anos, residente na Rua Rodrigues Faria, 71, 4.º, que foi encontrado a boiar à tona de água, na doca de Alcântara.

OS QUE MORREM

José António Dias

Vitimado por uma congestão cerebral faleceu ontem o sr. José António Dias, pai dos srs. Pedro António Dias, «chauffeur», e Raúl Ernesto Dias, tipógrafo do *Diário de Lisboa*, e sogro do sr. Paulo da Trindade Canelo, industrial barbeiro.

O funeral realiza-se hoje pelas 15 horas, da sua residência, rua da Rosa, 188, 1.º, D., para o cemitério Oriental.

Joaquim da Glória Perrolas

Após doloroso sofrimento, faleceu ontem de madrugada Joaquim da Glória Perrolas, componente do Sindicato União dos Fogueiros, realizando-se hoje às 14 horas o seu funeral, da rua do Jardim, à Estrada, 29, 3.º D. para o cemitério da Ajuda.

Pede-se a todos os seus camaradas e amigos que honrem este acto com a sua presença.

PULVERISANDO INSIQUAÇÕES

Uma nota oficial do Sindicato da Construção Civil de Lisboa

Do Sindicato da Construção Civil recebemos a nota que passamos a publicar:

«Circulando, com insistência, a afirmação de que o dinheiro, há tempos angariado para a Casa dos Trabalhadores, tivera uma diversa aplicação vem este sindicato declarar o seguinte: O dinheiro angariado que atingiu a cifra de 8.800 escudos esteve no Conselho Técnico deste organismo vendendo juro, encontrando-se actualmente depositado numa casa de crédito à importância de 10.600 escudos. A caderneta onde ficou inscrita esta quantia está em poder do tesoureiro deste sindicato que a mostrará a qualquer componente do sindicato que a deseje ver.

Fica pois destruída, duma maneira bem clara e insusceptível, a acusação feita quanto à aplicação do produto da subscrição pró-Casa dos Trabalhadores.

Embora este sindicato necessite cada vez mais do concurso dos seus componentes para acudir às suas despesas, não deu nem dará, ao dinheiro um fim diferente daquele que lhe foi atribuído pelos subscritores.»

MOVIMENTO MARITIMO

Entraram ontem, os vapores portugueses «São Miguel», dos Açores e Madeira, com carga diversa, inglês «Darrow», de Buenos Aires, Montevideo, La Plata e Rio de Janeiro, com 32 passageiros para Lisboa, e 157 em trânsito; alemão «Dortmund», de Hamburgo, Endem Rotterdam e Antuérpia, todos com carga diversa, e «Hagen», de Rotterdam, com carvão, e lugre francês «Jes Schaner», de Saint Malo, em lastro.

Despacharam para sair os vapores, ingleses «Darrow», para Vigo e Liverpool, com passageiros, alemão «Dortmund», para Adelaide, Melbourne, Sydney, «Mina Cord», para Hingham, e norueguês «Sollerino», para Cádiz, Barcelona e Marselha, com carga diversa e os veleiros, a que nos referimos em outro lugar.

A LEI DO DIVÓRCIO

A lei do divórcio é-me indiferente porque sou totalmente indiferente à lei do matrimónio.

E' já tempo de arrancar a máscara a esta sociedade de preconceitos seculares—aniquiladores do indivíduo e prejudiciais à espécie.

A instituição da família bem constituída tem por missão tornar desgraçados os seus membros.

Diz-se que o seu objectivo é fazer a felicidade de todos, e não faz mais do que afogar os sonhos, as aspirações de liberdade de cada um.

Ninguém é feliz, no estado de matrimónio, mas todos se esforçam em mascarar-se, e arrastam assim para o mesmo abismo moral aqueles que ainda se encontram livres deste entrave à liberdade de viver individualmente. Nós sabemos como se fazem os matrimónios e o que preside à sua preparação: em pouca conta se tem a psicologia dos que vão consorciar-se, e em muita as conveniências, a situação social, a fortuna, enfim, toda a série de obstáculos à felicidade.

E' a família quem se arroga o direito de decidir sobre o prazer de viver dos seus membros, vigiando com cuidado para que não sejam comprometidos os interesses económicos, em detrimento da alegria e do bem-estar individuais.

Além disso, a família não satisfaz o interesse colectivo, porque é enorme, inculcável, o prejuízo que trazem à espécie os matrimónios indissolúveis, eternos, encadeando quase sempre dois indivíduos que acabam por ser indiferentes um ao outro, quando não acabam por odiar-se ferozmente. São estas uniões de oportunistas, de inimigos, de extenuados, de hipócritas—praticando o adultério nos braços uns dos outros—de razoáveis, de rotineiros, que dão nascimento aos filhos do acaso, aos filhos não desejados, aos filhos do aborrecimento, da domesticidade e do próprio ódio.

E' muito raro que os filhos do amor sejam filhos de amor.

Estes são supranumerários... sim, mas mais inteligentes, mais capazes, mais belos, mais perfeitos, incontestavelmente.

Assim, pois, que é que protege a família legal? A desdita do indivíduo e a degenerescência da espécie. A família legal é inútil, mais ainda ela é nociva à evolução social.

Defender esta família é defender o infortúnio colectivo, a ignorância, a exploração do indivíduo; é estimular a resignação passiva e criminal; é contribuir para o mal-estar social, ser cúmplice desta série de crimes bárbaros perpetrados em nome do amor, através da gelosia, pelo instinto da propriedade; é proteger o adultério, a poligamia, hipocrisia baseada sobre a lei monogâmica que dá o direito ao homem de desapejar no lar todas as inimizades da rua, compreendendo também a sífilis, infectando a sua descendência, graças à esposa ingenua, oportunista, servil ou ignorante.

Por outro lado quem ignora que estas famílias, virtuosíssimas, legalmente constituídas, se compõem de quatro pessoas pelo menos: o pai, a mãe, o filho... e o marido?

Abaixo as máscaras! A hipocrisia é a hipocrisia interior, ante si mesmo, em frente da sua própria consciência.

¿E o adultério e a prostituição masculina? ¿E o absurdo de duas espécies de moral, segundo os sexos? ¿E os matrimónios de conveniências que garrotam dois indivíduos para toda a vida, tirando-lhes o direito à liberdade dos sentimentos, à liberdade de dispor livremente de si mesmos? ¿E o adultério resultante das leis e dos costumes, consequência lógica do lado legal e do prejuízo social de que a mulher é proprietária do homem?

¿Como se pode chegar a ordenar por leis os afectivos complexos, os «complexos psicológicos»?

«O amor é cego... ele não obedece às conveniências, nem às leis, nem aos códigos, nem às regulamentações, e cada indivíduo tem o direito e o dever de dispor de si mesmo—para o grande proveito da vida considerada sob todos os seus aspectos.

E' ridículo o papel da sociedade contemporânea que quer construir um dique precisamente no lugar onde as águas têm a impetuosidade irresistível das forças que não são regidas senão pelas leis naturais. Não somente é ridículo, senão também anti-humano, perverso, egoísta, ingenuo.

¿Quem pode deter a carreira do penedo desatado do cume da montanha?

Nós vemos a prova disso na inquietação geral, nos escândalos, no desejo de liberdade que se apodera de todas as classes, no crescimento dos crimes passionais, na avalanche que tudo arrasta à sua passagem, na formidável natura da organização social legalmente constituída—indícios do galope final duma civilização e princípio dum grande fim.

O matrimónio legal é contra a natureza. O corolário é evidente: o divórcio é uma lei do homem, tendo por fim corrigir ou impor outra lei mais desumana ainda.

Que os humanos tenham, pois, o direito de unir-se e de separar-se quando eles quiserem, livremente, fora da violência das leis selvagens do homem, dentro dos limites das leis cósmicas, das leis naturais.

Consideremos o problema sexual e o problema do Amor como um dos capítulos mais admiráveis, dos mais graves da História Natural.

O contrário é machucar o corpo e a alma, profanar a delicadeza do sentimento do amor, é matar a aspiração à liberdade—uma mais elevada de todas as aspirações—aquela que conduz a uma visão consciente, aquela que nos leva a mirar bem de frente o problema do ser e do seu destino.

Liberdade do amor, livre eleição—direito de seguir cada um o seu destino, sem que um sexo possa proibir ao outro o respirar livremente—dever para cada um de dispor do seu corpo e dos seus sentimentos, pouco importando a opinião da sociedade—«a hecimenia. Messalina que no eterno carnavalesco da vida aparece sempre ofuscada de vestais»—estas reivindicações devem constituir o princípio sobre o qual o indivíduo, lista edifício a sua forma de ver e preste o seu auxílio à evolução social, consequentemente à alegria de viver.

Como a vida é boa quando o nosso coração tolera, desculpa, releva as faltas, as fraquezas alheias?

Com que direito intervimos na conduta de qualquer, estabelecido que a liberdade individual não tem mais limite que o prejuízo directo que ela causa à liberdade alheia?

Como se compreende esta intransigência, este favoritismo moralista—quando o próprio Cristo nos proporcionou os belos exemplos de Madalena e da mulher adúltera?

«Vai e não voltes nunca contra o teu

Pela Humanidade Futura

A era em que a Humanidade rendia culto à barbarie gloriosa dos heróis do sangue—os Alexandre, os Napoleões—está agonizante. Breve, scará a sua hora final. Luguemente vai morrer no campanário da História. Enquanto o século XIX vai descansar do seu labor honroso, ocupando um trono de luz entre os séculos idos, saímos a alva deste século XX, que chega para a Humanidade, preluze de aspirações e de esperanças, recordando que na nossa era não cabe outro culto que o dos heróis da Ciência e da Humanidade: os Laplace, os Darwin, os Lyll, os Marx, os Spencer, os Vitor Hugo, os Kropotkin, os Malatesta, os Zola...

No coração da Humanidade, os grandes veredictos estão prestes a ser suplantados pelos grandes mestres e pensadores. A escola está chamada a substituir o acampamento. Os únicos combates civilizados serão os do livro e da inteligência.

Em todos os corações um nobre horror se incubará contra os sangrentos campos de batalha que a barbarie tornara em cemitérios improvisados: os homens do Porvir lutarão nas nobres lides do Trabalho e da Ciência, nos campos de batalha fecundos de bem-estar e de verdade.

O guerreiro constituiu a força e a superioridade dos povos da barbarie; o professor constituirá a sua força e a sua superioridade na civilização.

Professores, cabe a vós ser a ala avançada neste generoso advento da civilização futura; vós, os professores, os pedagogos, fazeis que ela seja de paz, de amor, de solidariedade.

Recordai que de vós depende, em grande parte, fazer do Povo uma turba de escravos ou uma associação de homens livres.

As sociedades civilizadas confiam ao pedagogo aquilo que possuem de mais sagrado: o seu próprio futuro. O Povo abre-vos o sulco da infância e chama-vos para semear nele as sementes da sua vida futura.

Nas vossas mãos está o arjar a boa ou a má semente: o sulco não será responsável, se em vez de sementes úteis, chegarem a crescer cogumelos venenosos.

Professores, aprendei a escolher a semente que ideis semear.

As crianças são a sociedade do Porvir; seria crime semear em seus cérebros sementes do Passado.

Não lhes ensineis preconceitos que vós próprios haveis repudiado.

O fanatismo e a intolerância são velhos odres da era que agoniza; não coloqueis neles vinho novo.

Não lhes ensineis que os homens são dissimulados e a sua ignorância, inventando explicações sobrenaturais que não explicam os fenómenos que não sabem compreender. Não lhes ensineis que a imensa multidão dos que trabalham com o cérebro e com o braço devem viver condenados a uma vida de necessidades e de miséria, enquanto uma minoria ociosa estraga o superfluo. Não lhes ensineis que os povos são despoçados em guerras desumanas, como se o atavismo fizera renascer no homem as predileções da fera. Não lhes ensineis a praticar a obediência passiva aos entes servis, em homenagem a uma disciplina que desconjunta o carácter, afoga a iniciativa individual e prepara para suportar resignadamente todas as espécies de escravidão. Este é o crepúsculo do Passado.

Respeitai o crepúsculo, mas preparai a aurora.

A's crianças que a sociedade vos confia ensinai-lhes que em milhares de laboratórios vivem muitos heróis que não conseguem a sua vida ao descobrimento da verdade objectiva dos fenómenos que recebem, mediante os nossos sentidos, no mundo que nos rodeia; eles são os sacerdotes do futuro: a Ciência.

Ensinai-lhes que o trabalho do braço ou do cérebro é a lei superior da vida, pois ninguém deve ter o privilégio de viver parasitariamente sem ser cooperador na produção do grupo social a que pertence: o único bem-estar honrado é o que o homem conquista, mediante o trabalho útil.

Ensinai-lhes que todos os povos serão irmãos no futuro, pois que a História ensina que o sentimento de solidariedade social se tem estendendo progressivamente da família à tribo, e desta à nação: da nação estender-se há toda a Humanidade.

Ensinai-lhes que entre os deveres do homem, o primeiro é a intensificação da própria personalidade, mediante a cultura da inteligência; a socialização dos sentimentos, a educação da vontade: assim se forma o homem livre, o cidadão laborioso e consciente, ativo na sua dignidade e respeito da dignidade de seus semelhantes. Essa é a aurora do Porvir.

Pedagogos: escolhei a semente que vossas mãos esparzireis no sulco.

A infância, recordai-lho, não é o passado; é mais que o presente: ela é o Porvir. Seria crime fecundá-la com sementes do Passado. Preparai, pois, os homens novos para os tempos novos.

Assim, somente assim, prepareis a futura grandeza da Humanidade. Coimbra, Maio de 1927.

Rafael MALAGUERRA

«A Batalha» no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

FESTAS ASSOCIATIVAS

Academia «Leais Amigos».—A Academia Recreativa «Leais Amigos» comemorou no domingo o 12.º aniversário da sua fundação, tendo realizado uma sessão solene e distribuído um budo aos pobres, para o qual nos enviou duas senhas que agradecemos.

«Por tudo, e pela natureza do pedido, regeitei a proposta e, pelo meu espanto, quando dois ou três dias depois tive conhecimento de que se tinha proibido a peça em questão.

«Logo disse: «O tipo não conseguiu comigo, mas com outro».

Parece uma coisa sem importância, não parece?

Todavia tem muita.

E tem muita porque a peça—segundo me informam—em nada se assemelha à cena de adultério, nem às imorais revistas que por aí se representam e que só servem para embrutecer mais o povo e pervertê-lo mais ainda.

Tem, porque não se pode, nem se deve tolerar que se profana a representação duma peça que encerra princípios de moral que merecem os aplausos de todas as pessoas de bem.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 53 desta novela intitulada *Lande Amor* por Elias Garcia. Preço, 500.—Pedidos à administração de A Batalha.

E. ARMAND

A BATALHA NA PROVINCIA

Em Viseu

O Sindicato da Construção Civil prepara a defesa duma justa regalia

VISEU, 8.—O Sindicato da C. Civil, especialmente, mereceu-nos sempre a nossa atenção e carinho. Temo-lo visto através de muitos prismas—que são os das circunstâncias—e nem sempre são de molde a alegrar-nos. Agora luta ele heroicamente com o comodismo de muitos e contra a defeção de outros. Mas vêmo-lo hoje mais do que ontem na brecha, firme e em guarda às parcas regalias que tem sabido conquistar e quer manter contra todas as arremetidas dos exploradores.

Na sua sede assistimos a uma animada e importante reunião, onde vimos debater com acerto e cordura os principais problemas que afectam a vida da organização.

A questão dos sindicatos em atraso, que fogem do Sindicato com vergonha de os verem com maus olhos, foi posta com elevação diante de todos.

Quantas dificuldades não stacam a vida de quem trabalha, e quanto não custa às populações, falias de ideal colocar o Sindicato acima de outra necessidade, e quantos há que nem como uma necessidade material e moral o acreditam!

Seguidamente, vem o exemplo ativo e dignificante do camarada Eduardo Marques, que abandonou a obra onde era contra-mestre, por o mestre lhe querer impor o horário de 9 horas. Viu-se depois uma semana desempregado, traído pela maioria dos que o acompanharam no primeiro momento de rebeldia, e abandonado pelo Sindicato que não se podia mover por não contar com a solidariedade de uma classe que só vive de interesses que outros conquistem.

Todos têm visto as arremetidas dos mestres e dos capitalistas contra s 8 horas. todos têm visto sacrifícios isolados, que, por o serem, são infrutíferos mais dignos de admiração, e todos estão dispostos a lutar pela defesa do que tanto sacrifício já tem custado. Reconhece-se, pois, a necessidade de dar ao sindicato o máximo de força, e assentou-se na publicação de um manifesto, que será um convite também para a classe novamente reunir na próxima quinta-feira, e no qual se brade alto à classe e aos parasitas que o Sindicato da C. Civil de Viseu está alerta para não consentir que esmaguem por completo um punhado de trabalhadores que não admitem a quem não sabe o que é produzir que queira impor mais horas de trabalho a quem emprega bem o seu dever perante a sociedade, trabalhando.

Oxalá, pois, todos os membros desta tão numerosa quanto desprezada e mal paga classe prestem o seu material e moral concurso para o ressurgimento da sua Associação—que é como quem diz do seu bem estar e aperfeiçoamento.—C.

Evora

A propósito da proibição duma peça

EVORA, 8.—O que vamos relatar não é evidentemente um caso inédito. O suborno moral ou material sempre sucedeu arraias neste país e sempre assim sucederá enquanto houver entidades que se deixem suggestionar por boas... falas.

O leitor deve lembrar-se de haver lido há pouco em A Batalha, que em Evora, sem um motivo plausível que o justificasse, foi proibida a companhia Alves da Cunha, de levar à scena a peça denominada «A Justiça», da autoria do dr. sr. Ramada Curto.

Segundo a voz do povo, a razão que se alegava era de que a peça traduzia uma scena de adultério passada numa das mais categorizadas famílias da capital alentejana. Todavia o autor da peça, numa carta enviada ao *Notícias*, afirma que não é conhecido da tal scena de adultério, debatida até nos tribunais, questão em que, como advogado, tomou parte, argumenta com dados precisos, para demonstrar que o caso verdadeiro de Evora e os personagens em nada se assemelham aos da sua peça.

Esta nossa atitude pretende não somente focar nas colunas de A Batalha uma afirmação feita por alguém, que se nos afigura não ter faltado à verdade, tanto mais que se tal comesse—no que não acreditamos—nada poderia lucrar.

Não procederíamos assim se nos tivessem pedido sigilo, e, assim, e ainda por que supomos esse indivíduo capaz de assumir a responsabilidade das suas afirmações e dos seus actos, vamos dela dar conhecimento aos nossos leitores.

Hoje, quando no hotel—nome frás sendo preciso—era servido o almoço, entre os vários hóspedes e comensais encontráramos-se duas pessoas de certa categoria nesta cidade.

Em determinado altura um dos hóspedes lembrou-se de falar sobre as várias peças que o actor Alves da Cunha vai levar à scena na próxima semana.

Muito naturalmente surgiram de todos os lados as mais ásperas censuras à proibição da representação da peça «A Justiça».

No auge da discussão, um dos hóspedes atrás citados, diz-nos, textualmente, isto: «Quando o Alves da Cunha anunciou a representação da «Justiça» fui procurado por alguém que me ofereceu cinco mil escudos para eu conseguir que se proibisse a sua representação.

«Por tudo, e pela natureza do pedido, regeitei a proposta e, pelo meu espanto, quando dois ou três dias depois tive conhecimento de que se tinha proibido a peça em questão.

«Logo disse: «O tipo não conseguiu comigo, mas com outro».

Parece uma coisa sem importância, não parece?

Todavia tem muita.

E tem muita porque a peça—segundo me informam—em nada se assemelha à scena de adultério, nem às imorais revistas que por aí se representam e que só servem para embrutecer mais o povo e pervertê-lo mais ainda.

Tem, porque não se pode, nem se deve tolerar que se profana a representação duma peça que encerra princípios de moral que merecem os aplausos de todas as pessoas de bem.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 53 desta novela intitulada *Lande Amor* por Elias Garcia. Preço, 500.—Pedidos à administração de A Batalha.

E. ARMAND

TEATROS

MUSICA

CINEMAS

COLISEU

Penúltima exibição dos «Vinte anos depois»

Hoje e amanhã são as últimas exhibições no Coliseu dos Recreios das seis jornadas finais do admirável «film» de arte, extraído da obra de Alexandre Dumas, «Vinte anos depois» cujo decorrer através das mais emocionantes peripécias tem prendido a atenção de um numeroso público.

Completando o magnifico programa estreando-se os «films» «Dansas artísticas» com uma parte e «A Rusa», em duas partes.

Na próxima sexta-feira o espectáculo tem um programa sensacional efectuando-se a estreia de duas belas produções de arte, desenhadas respectivamente pelos dois grandes ases do cinema Douglas Fairbank e Rodolfo Valentino.

EDEN-TEATRO

Os novos fados da «Mouraria»

Completa hoje 275 representações a incomparável opereta «Mouraria», que no Eden se repete em duas sessões. A famigerada peça apresenta, com frequência, novas atrações. As de agora são os fados do repertório do notável cantor Mario Fernandes. Nos fados da «Cesaria», «Mouraria» e no do «Aljube» continuam sendo aplaudidíssimas Margarida Ferreira e Maria Cardim, e para que seja permanente a gargalhada, lá estão o Costinha no «Mota da Estorvar» e o Artur Rodrigues, no «Artur Estorvar» e Maria Mesquita, na «Morgada de Famalicão».

GINNASIO

Reabre na sexta-feira

E' depois de amanhã que o Ginásio inaugura a época de verão, com a comédia-farça «O Perigo Amarelo». A peça, que terá a sua «première» na sexta-feira, é uma «charge» muito original, repleta de inesperadas situações. Gil Ferreira tem-se esmerado na sua encenação, Leitão de Barros, na montagem scenica e Alvaro Costa na confecção do guarda-roupa. No desempenho de «O Perigo Amarelo» entram, além de Gil Ferreira, Maria Judice da Costa, António Mendes, Flora Dyson, Manuela Porto, Joana Moniz, António Gomes, Joaquim Oliveira, Carlos Sousa, António do Nascimento e Pestana d'Amorim. Para a «première» de «O Perigo Amarelo» já estão à venda os bilhetes no Ginásio.

SALA FÓZ

«Secretário dos Amantes»

A peça de grande sucesso do momento é a revista «Secretário dos Amantes», que todas as tardes e todas as noites se representa no Foz.

E' particularmente aplaudido o novo e lindíssimo quadro «Triste fado», em que Mortense Luz e Adeline Fernandes têm um enorme triunfo. E o mesmo acontece com o novo número «Mulher séria e coquete», desempenhado por Adeline Fernandes e Maria Laura.

Está obtendo um grande êxito nos seus bailados a artista francesa Germaine, que ainda há pouco tempo trabalhou, com muito sucesso, no «Olympia» de Paris.

Tanto a «matinée» como a «soirée» começam pelo «film» em 7 partes «Sorritos e lágrimas».

Espectáculos de hoje

TEATROS

São Luís—A's 21,30—«Bairro Alto».

Eden Teatro—A's 20,45 e 22,45—«Mouraria».

Variedades—A's 20,30 e 22,30—«A Sagrada Família».

Avenida—A's 21,30—«O bom ladrão».

Maria Vitória—A's 20,45 e 22,45—«Reviravolta».

Coliseu dos Recreios—A's 20,45—«Anatógrofo».

Sala Foz—A's 15 e 21—«Secretário dos Amantes».

Joaquim de Almeida—A's 20 e 21—Cinema e variedades.

CINEMAS

Chiado Terrasse.—Todas as noites animatógrofo.

Tivoli.—Todas as noites animatógrofo.

Sala Olympia.—Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatógrofo e concerto musical.—Rua dos Condes.

Jardim Zoológico.—Exposição de animais.

Teatro Maria Vitória

MARCO POSTAL
Setúbal — António Júlio — Recebemos carta e 5550, que com os 12900 a haver, paga o corrente mês.
Ramalhe — Elenório Pacheco — Recebemos 10500. A respeito dos outros assuntos, vamos escrever.
Chancelieiros — Augusto R. de Carvalho — Recebemos 50500. Pagou só o Diário, desde 16 de Janeiro, p. p., até 20 de Setembro, p. f.
Graça do Divor — José J. Freitas — Recebemos 22550. Pagou a assinatura desde 1 do corrente até 31 de Julho, p. f.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses
Assembleia geral extraordinária dos srs accionistas

2.ª CONVOCAÇÃO
Não se tendo podido constituir a assembleia geral extraordinária, convocada para hoje, por falta de número legal de srs. accionistas, em conformidade com o art. 34.º dos Estatutos são novamente convocados os srs. accionistas a reunir em assembleia geral extraordinária na quinta-feira, 19 de Maio corrente, pelas 15 horas, na sede social desta companhia, Estação Central do Rossio.
Nos termos do citado artigo dos Estatutos e do art. 184.º do Código Commercial poderá esta assembleia geral extraordinária constituir-se e deliberar validamente, qualquer que seja o numero de srs. accionistas presentes ou representados, bem como qualquer que seja o quantitativo do capital representado.
A ordem do dia para esta assembleia extraordinária é a mesma que tinha sido indicada para a assembleia originariamente convocada, e cujo teor é o seguinte:
ORDEM DO DIA
Apreciação de assuntos relativos à doutrina de que tratam o § 6.º do art. 3.º e a alínea a) do art. 18.º dos Estatutos.
As cartas de admissão à assembleia geral serão passadas pela comissão executiva da companhia em vista dos depósitos das acções.
Lisboa, 4 de Maio de 1927.
O vice-presidente da mesa da assembleia geral, **Horácio dos Comboios**.

HORÁRIO DOS COMBOIOS
1.º Edictamento ao Cartaz-Horário D. 182
Tramways entre Lisboa, Queluz e Cintra
A partir de 8 do mês de Maio o horário dos comboios da linha de Sintra é alterado como segue:
São postos em circulação, diariamente, os comboios n.ºs 1311, 1312 e 1330 e só nos dias úteis os comboios n.ºs 1310 e 1333, com as seguintes marchas:
Estações e apeadeiros — Combóio n.º 1311 (S. D.) 1.ª, 2.ª e 3.ª classes — Lisboa Rocio, partida, 9-05; chegada a Sintra 9-5. Combóio n.º 1333 (S. D.) 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, Lisboa Rocio, partida, 19-07; chegada a Sintra às 20-02.
Estações e apeadeiros — Combóio n.º 1310 (S. D.) 1.ª, 2.ª e 3.ª classes — Sintra, partida 7-20; Lisboa Rocio, chegada 8-08. Combóio n.º 1312, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, Queluz-Belém, partida, 7-55; chegada a Lisboa Rocio, às 8-22. Combóio n.º 1330, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, Sintra, partida, 15-30; chegada a Lisboa Rocio às 16-25.
São suprimidos: em todo o percurso, o comboio n.º 1308 que parte de Sintra às 7-10; e entre Queluz e Sintra, o comboio n.º 1335 que sai de Lisboa Rocio às 19-15 e passa a efectuar-se diariamente até Queluz com a marcha indicada no Cartaz-horário D. 182.
Lisboa, 29 de Abril de 1927.
O Engenheiro Sub-Director, **A. de Lima Henriques**.

PATENTES
Desejam-se vender ou conceder licenças para exploração das patentes n.ºs 13.693, para: «Aperfeiçoamentos nos meios de transbordo das caixas rolantes para o transporte rápido de mercadorias em serviço cumulativo» (caso 1.º); 13.694, para: «Aperfeiçoamentos nas caixas rolantes transbordáveis para o transporte das mercadorias pelo caminho de ferro» (caso 2.º); 13.820, para: «Processo para a utilização do calor solar e dos calores desperdiçados de qualquer origem»; e 13.168, para: «Processo para refinar óleos e cereas».
Informações: A. Dornelas, R. Presidente Arriaga n.º 1, Lisboa.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL
Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, impensas, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.
Telefone — 539 Trindade
Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

ISQUEIROS
Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.
Pedidos a: **FRANCISCO LATTA**
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

Pinhão e máquina de costura
Vende José Capote
VENDAS NOVAS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
LEILÃO
Em 23 do corrente e dias seguintes, às 11 horas na estação desta companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Público A n.º 1 de Fevereiro de 1920, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de Despesas Accessórias, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.
Avisa-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu débito à Companhia, para o que terão de dirigir-se à Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias úteis até 21, das 10 às 17 horas.
O leilão realiza-se no Armazém situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolónia, defronte do gradeamento.
Lisboa, 6 de Maio de 1927.—O engenheiro sub-director, **Lima Henriques**.

Edições SPARTACUS
A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3000.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6000.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6000.
A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.
Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Banco de carpinteiro
VENDE-SE e ferramentas tudo em bom estado. Ver e tratar na rua da Trombeta, 4 (ao Bairro Alto) das 9 às 17, todos os dias, excepto ao domingo.

—Zai para casa de seus pais?—preguntou de novo a mãe de Luis.
—Por enquanto não, minha senhora—respondeu, timidamente, Catarina.
—E' mal feito—retorquiu dona Ramona. Não deve sair daqui senão para se juntar a seus pais. Não saíra—exclamou Luis—se aqui fosse tratada como filha.
—Que queixa pode ter de nós?—observou Flora. Catarina, sempre humilde e respeitosa, disse com algum temor:
—Não tenho queixa nenhuma, mas compreendo que a minha presença incomoda e eu não desejo mais.
—São susceptibilidades de fidalga inglesa—disse Flora, mal contendo a inveja.
Catarina levantou a cabeça, recobrou um momento o império da sua dignidade e disse:
—Susceptibilidades de uma mulher digna.
—Peço-te, minha irmã—disse Luis—que não agraças mais a questão, porque o já está bastante.
Depois, dirigindo-se à mãe, exclamou:
—Minha mãe, disse-te há pouco que não me colocasses ante o dilema de escolher entre o meu amor de filho e o meu dever de homem. O meu dever é Catarina; ela tudo deixou por mim; está abandonada por seus pais e, como deves compreender, eu não quero nem devo deixá-la, nem tampouco hei de permitir que a desconsidere.
—Tudo se poderia remediar—disse dona Ramona—se se casassem e ela se convertesse ao catolicismo.
Luis, compreendendo que falavam pela boca da mãe o fanatismo, o rancor e largos anos de intolerância religiosa, disse, dirigindo-se, mais do que a sua mãe, ao que ela nesse momento incarnava:
—Propondo-lhe tal, unicamente me convertia em inquisidor. Tu sabes que ela me ama, sabes a situação em que se encontra, e, se me aproveitasse do seu amor e do seu estado, para dominar a sua consciência, haveria no mundo homem mais indigno do que eu? Tu já não és minha mãe: és o instrumento da intolerância que se ceva sobre a Espanha, há tantos séculos. E's o ódio, és o fanatismo, ainda que o sejas por avismo de um modo reflexo. E se esse ambiente de preguiça que nos rodeia não abateu a minha actividade, ha de vencer-me a fusão de amor e de preconceito que tu representas? Retiro-me desta casa em companhia de Catarina. Ficaí vós, aqui. A casa está paga durante um ano. Podeis ficar tranquilas.
—Vais-te embora?—preguntou ansiosa a mãe.
—Ainda não—retorquiu Luis—mas dentro de dois ou três dias.
—Abandonas-nos?—tornou a perguntar, succumbida, dona Ramona.
—Não abandono a mãe, abandono a intolerante. A minha mãe ainda receberá benefícios do filho, mas não viverá mais com elle.
Dona Ramona, que pouco esperava uma resolução tão enérgica do filho, retirou-se, chorando. Flora seguiu-a, lançando um olhar de desprezo a Catarina. A bela inglesa abraçou-se ao seu amado, dizendo:
—Quanto sinto tudo isto, Luis!
Ele beijou-a na frente e respondeu:
—Por ti, que és o meu amor; pelo nosso filho, que é o meu fruto; e pela minha dignidade de homem.

ULTIMO QUIXOTE — Federico Urales

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: RUA DO CARMO, 93
TELEFONE N. 5353
Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilas—4 h. Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 h. Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às 5 h. Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h. Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 h. Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 h. Doenças das senhoras—Dr. C. Afonso—12 h. Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 h. Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—12 h. Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas. Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas. Raio X—Dr. Alfeu Saldanha—4 horas. Análises—D. Gabriela Beato—4 horas.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL
Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, impensas, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.
Telefone — 539 Trindade
Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

ISQUEIROS
Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.
Pedidos a: **FRANCISCO LATTA**
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

Pinhão e máquina de costura
Vende José Capote
VENDAS NOVAS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
LEILÃO
Em 23 do corrente e dias seguintes, às 11 horas na estação desta companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Público A n.º 1 de Fevereiro de 1920, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de Despesas Accessórias, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.
Avisa-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu débito à Companhia, para o que terão de dirigir-se à Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias úteis até 21, das 10 às 17 horas.
O leilão realiza-se no Armazém situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolónia, defronte do gradeamento.
Lisboa, 6 de Maio de 1927.—O engenheiro sub-director, **Lima Henriques**.

Edições SPARTACUS
A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3000.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6000.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6000.
A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.
Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Banco de carpinteiro
VENDE-SE e ferramentas tudo em bom estado. Ver e tratar na rua da Trombeta, 4 (ao Bairro Alto) das 9 às 17, todos os dias, excepto ao domingo.

Edições SPARTACUS
A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3000.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6000.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6000.
A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.
Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Banco de carpinteiro
VENDE-SE e ferramentas tudo em bom estado. Ver e tratar na rua da Trombeta, 4 (ao Bairro Alto) das 9 às 17, todos os dias, excepto ao domingo.

—Zai para casa de seus pais?—preguntou de novo a mãe de Luis.
—Por enquanto não, minha senhora—respondeu, timidamente, Catarina.
—E' mal feito—retorquiu dona Ramona. Não deve sair daqui senão para se juntar a seus pais. Não saíra—exclamou Luis—se aqui fosse tratada como filha.
—Que queixa pode ter de nós?—observou Flora. Catarina, sempre humilde e respeitosa, disse com algum temor:
—Não tenho queixa nenhuma, mas compreendo que a minha presença incomoda e eu não desejo mais.
—São susceptibilidades de fidalga inglesa—disse Flora, mal contendo a inveja.
Catarina levantou a cabeça, recobrou um momento o império da sua dignidade e disse:
—Susceptibilidades de uma mulher digna.
—Peço-te, minha irmã—disse Luis—que não agraças mais a questão, porque o já está bastante.
Depois, dirigindo-se à mãe, exclamou:
—Minha mãe, disse-te há pouco que não me colocasses ante o dilema de escolher entre o meu amor de filho e o meu dever de homem. O meu dever é Catarina; ela tudo deixou por mim; está abandonada por seus pais e, como deves compreender, eu não quero nem devo deixá-la, nem tampouco hei de permitir que a desconsidere.
—Tudo se poderia remediar—disse dona Ramona—se se casassem e ela se convertesse ao catolicismo.
Luis, compreendendo que falavam pela boca da mãe o fanatismo, o rancor e largos anos de intolerância religiosa, disse, dirigindo-se, mais do que a sua mãe, ao que ela nesse momento incarnava:
—Propondo-lhe tal, unicamente me convertia em inquisidor. Tu sabes que ela me ama, sabes a situação em que se encontra, e, se me aproveitasse do seu amor e do seu estado, para dominar a sua consciência, haveria no mundo homem mais indigno do que eu? Tu já não és minha mãe: és o instrumento da intolerância que se ceva sobre a Espanha, há tantos séculos. E's o ódio, és o fanatismo, ainda que o sejas por avismo de um modo reflexo. E se esse ambiente de preguiça que nos rodeia não abateu a minha actividade, ha de vencer-me a fusão de amor e de preconceito que tu representas? Retiro-me desta casa em companhia de Catarina. Ficaí vós, aqui. A casa está paga durante um ano. Podeis ficar tranquilas.
—Vais-te embora?—preguntou ansiosa a mãe.
—Ainda não—retorquiu Luis—mas dentro de dois ou três dias.
—Abandonas-nos?—tornou a perguntar, succumbida, dona Ramona.
—Não abandono a mãe, abandono a intolerante. A minha mãe ainda receberá benefícios do filho, mas não viverá mais com elle.
Dona Ramona, que pouco esperava uma resolução tão enérgica do filho, retirou-se, chorando. Flora seguiu-a, lançando um olhar de desprezo a Catarina. A bela inglesa abraçou-se ao seu amado, dizendo:
—Quanto sinto tudo isto, Luis!
Ele beijou-a na frente e respondeu:
—Por ti, que és o meu amor; pelo nosso filho, que é o meu fruto; e pela minha dignidade de homem.

ULTIMO QUIXOTE — Federico Urales

Experimental é adoptar
O único que rivalisa excedendo em qualidade as melhores marcas estrangeiras
PO RODRIGUES
O MAIS EFICAZ DESTRUIDOR DE SARRATAS, PULGAS, FORMIGAS, PERCEILOS, etc.
Pedir em todas as Droguarias, Mercarias e Lojas de Ferragens
E PARA REVENDA
Aos depositários—**SALVADOR BARATA, Lda**, 19-A, RUA DAS ENVOTAS, 19-A (FABRICANTES DOS ALVALADES MARCA «GAUVOIA»)
Tel. 1.346-Teleg. Gauvoia-Lisboa
Ou aos agentes (R. Dr. Sousa Viterbo, 210-Pórt. José de S. Vitorino & C. Centro Commercial de Drogas, Lda, 141-Madeira P. do Comercio 371-C. Coimbra)

NORTE 5521 e 5528
São os telefones dos 60 taxis
CITROËN
(Palhinha amarela)
— DA —
Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs
que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro
GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21
SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais	
Algebra elemental	13500
Arithmetica practica	15500
Desenho linear geometrico	12500
Elementos de electricidade	30500
Elementos de fisica	12500
Elementos de mecanica	12500
Elementos de modelação	12500
Elementos de projecções	16500
Elementos de quimica	12500
Geometria plana no espaço	15500
Fabricante de tecidos	15500
Mecânica	
Torneiro e frezador mecânicos	15500
Desenho de máquinas	25500
Materia agricola	13500
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor	13500
Problemas de máquinas	16500
Construção Civil	
Acabamentos das construções	16500
Alvenaria e cantaria	13500
Edificações	13500
Encanamentos e salubridade das habitações	13500
Materiais de construção	20500
Terraplenagens e alçarifes	13500
Trabalhos de carpintaria	16500
Diversas Industrias	
Condutor de Máquinas	20500
Foguetes	16500
Formador e estuador	12500
Fundidor	13500
Pilotoagem	16500
Industria alimentar	12500
Industria do vidro	12500
Manuais de officios	
Galvanoplastia	18500
Motors de explosão	20500
Navegante	16500
Cimento armado	25500

A EPOPEIA DO TRABALHO
POR
Ferreira de Castro, com desenhos de **Roberto Nobre**
Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A' venda nas livrarias, ao preço de 6000 e, á cobrança, de 7500.
Pedidos à **Livraria Renascença**, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de S. Bento, 27 e 29 e à Administração de **A Batalha**, calçada do Combro, 38-A, 2.º—Lisboa—Portugal.

FABRICA
ciclindrios, moiscos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpa Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Belas Artes horas minutos antes da hora marcada. Havia gente no local, porém, não a que Luis havia convocado.
A mocidade intelectual tardou ainda um bocado a chegar e, à medida que ia entrando, dividia-se em vários grupos. Num, encontrava-se Rosendito rodeado de vários rapazes pálidos, sujos e cabeludos; alguns fumavam por enormes cachimbos; quasi todos usavam óculos e traziam um livro na mão. Eram estes os chamados modernistas.
No outro extremo do salão agrupavam-se os autores liricos e dramaticos. Vinham estes mais bem vestidos do que os do outro grupo e alguns havia que ostentavam anéis e alfinetes de elevado valor.
Mais além, perto da mesa presidencial, reuniam-se os jornalistas que, ao entrar, saudavam mui affectuosamente os autores de teatro.
Os falhados consideravam-se literatos, não jornalistas, e ligavam pouca consideração aos que se sujeitavam a um trabalho diário por um ordenado fixo. Os autores dramaticos consideravam-se artisticamente superiores aos jornalistas e aos literatos, e os jornalistas riam-se de todos, pensando que, sem os seus reclames a publicação de um livro ou a estreia de uma peça, ninguém conheceria os presentes.
Luis passou ainda um bocado pelo salão, algo nervoso. De quando em quando olhava desconfiado os que entravam. Enquanto o mancebo passeava, receoso do que pudesse acontecer e aborrecido com o que já tinha sucedido, eis o que se dizia no grupo dos falhados:
—Eu—exclamava um jovem modernista—vim divertir-me. Estes comerciantes com pretensões a artistas dão-me uma vontade de rir!
—O que se tenta?—preguntou outro intelectual.
—Ao que parece—exclamou Rosendito—remir o povo por meio da arte. Vocês leram a convocação?
—Muito mal escrita, por sinal—disse outro falhado.
—Eu não a li, mas Cardenio intercou-me de tudo e vim aqui—replicou Rosendito.

ULTIMO QUIXOTE — Federico Urales

Livraria de A BATALHA		OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO		Jorge Teixeira, — Catunos de Luva Branca — A Escamalha (peças de teatro)	
Abel Botelho — Amanhã.....	16500	Contracto do Trabalho.....	10500	Juliano Quintinha.....	2550
Alexandre Hercolano.....	18500	Educação e ensino.....	5500	Vizinhos do Mar.....	8500
Lendas e Narrativas (2 volumes),	18500	O ensino da história.....	1950	Cavallada do Sonho.....	8500
Cartas (2 volumes).....	18500	Aquilino Ribeiro.....		Terras de Fogo.....	8500
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.).....	27500	Anatôlie France.....	3500	Dor vitoriosa (novela).....	25
Adolfo Lima.....		Estrada de São Tiago.....	10500	Laisant, — Iniciação matemática.....	5500
Contracto do Trabalho.....	10500	Jardim das Tormentas.....	10500	Malvert, — Sciência e Religião.....	10500
Educação e ensino.....	5500	Via Sinuosa.....	10500	Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela).....	25
O ensino da história.....	1950	As Filhas da Babilônia.....	10500	Anastácio José (idem).....	25
Campos Lima.....		Terras do Demo.....	10500	Manuel Ribeiro.....	
O Estado e a evolução do Direito	12500	Augusto Machado — Impossível redenção (novela).....	25	Poder redentor (novela).....	25
O Amor e a Vida.....	5500	Augusto de Sousa, — Fôlhas perdidas (Fados).....	10500	Mirbeau, — O Jardim dos Suplícios.....	4500
Ceia dos Pobres.....	2500	Beate Faria, — Missa nova (teatro em verso).....	2500	Nogueira da Brita.....	
A Revolução em Portugal.....	6500	Binet-Sanglê — A loucura de Jesus.....	4500	— Memorial de Angela Pinto	15500
Cristiano Lima — A escola de Nun'Alvares (novela).....	25	Buckner, — O homem segundo a sciência.....	12500	Sangue Fidalgo (novela).....	25
Duarte Lopes, — Frei Sanguê.....	5500	Charles Darwin — Origem das espécies.....	14500	Não, diz a Lei (novela).....	25
Eça de Queiroz.....		Campo Lima.....		Pargamo — Origem da vida.....	8500
O crime do Padre Amaro.....	18500	O Estado e a evolução do Direito	12500	O Helenismo e a Civilização Cristã.....	15500
O Primo Basílio.....	15500	O Amor e a Vida.....	5500	História da Civilização Ibérica.....	15500
O Mandarim.....	8500	Ceia dos Pobres.....	2500	História da República Romana (2 volumes).....	30500
Os Maias (2 vols.).....	28500	A Revolução em Portugal.....	6500	História de Portugal (2 vols.).....	30500
A Religião.....	15500	Cristiano Lima — A escola de Nun'Alvares (novela).....	25	Raças Humanas (2 vols.).....	30500
A Cidade e as Serras.....	12500	Duarte Lopes, — Frei Sanguê.....	5500	O Brasil e as Colônias Portuguesas.....	15500
Frade Mendes.....	9500	Eça de Queiroz.....		Cartas Peninsulares.....	15500
Casa Ramires.....	15500	O crime do Padre Amaro.....	18500	Sistema dos mitos e ficsões religiosas.....	15500
Prosa Bárbara.....	10500	O Primo Basílio.....	15500	Orlando Marçal.....	
Ecce de Paris.....	9500	O Mandarim.....	8500	Águas claras.....	6500
Cartas Familiares.....	9500	Os Maias (2 vols.).....	28500	Imagens de Sonho.....	1500
Cartas de Inglaterra.....	9500	A Religião.....	15500	Raul Brandão.....	
Minas de Salomão.....	9500	A Cidade e as Serras.....	12500	Os Pescadores.....	10500
Notas Contemporâneas.....	15500	Frade Mendes.....	9500	Os Pobres.....	10500
Ultimas páginas.....	15500	Casa Ramires.....	15500	O Teatro.....	8500
Contos.....	15500	Prosa Bárbara.....	10500	Spencer — Da Educação (br. 5500) enc.	8500
Ernesto Haeckel.....		Ecce de Paris.....	9500	Sobral de Campos — Dois tiros (novela).....	25
História da Criação.....	20500	Cartas Familiares.....	9500	Tolstoi, — A sonata de Kreutzer.....	4500
Origem do Homem.....	5500	Cartas de Inglaterra.....	9500	Ana Karenine (3 vols.).....	15500
Os enigmas do Universo.....	14500	Minas de Salomão.....	9500	Toulouse, — Como se deve educar o espirito.....	4500
Monismo.....	4500	Notas Contemporâneas.....	15500	Wenceslau de Moraes.....	
Religião e evolução.....	6500	Ultimas páginas.....	15500	Dai-Nippon.....	12550
As maravilhas da vida.....	14500	Contos.....	15500	Victor Hugo.....	
Faguet, — Iniciação filosófica.....	5500	Ernesto Haeckel.....		França e Belgica.....	10500
Iniciação literária.....	10500	História da Criação.....	20500	O Reno (2 v.).....	15500
Faria de Vasconcelos.....		Origem do Homem.....	5500	Os Miseráveis (2 grossos vols.) ilustrados, encadernados.....	40500
Problemas escolares.....	5500	Os enigmas do Universo.....	14500	Zola.....	
Por terras de além-mar.....	5500	Monismo.....	4500	A Taberna.....	12500
Ferreira de Castro.....		Religião e evolução.....	6500	Tereza Raquin.....	5500
Sangue Negro.....	2550	As maravilhas da vida.....	14500	Alegria de viver (2 vols.).....	8500
Sentidas de Lirismo e de Amor.....	8500	Faguet, — Iniciação filosófica.....	5500	A conquista de Plassans, (2 vols.)	8500
A Peregrinação do Mundo Novo.....	6500	Iniciação literária.....	10500	Fecondidade.....	20500
F. Castro e E. Fria — A Boca da Escuridão.....	8500	Faria de Vasconcelos.....		A fortuna dos Rougons, (2 vols.)...	8500
Flamarion.....		Problemas escolares.....	5500	Uma página de amor.....	9500
Iniciação astronômica.....	5500	Por terras de além-mar.....	5500	Dr. Pascal.....	8500
Contos de luar.....	5500	Ferreira de Castro.....		FOLHETOS.....	
Como acabará o mundo?.....	7500	Sangue Negro.....	2550	Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja	1500
Os habitantes dos outros mundos.....	4500	Sentidas de Lirismo e de Amor.....	8500	A Evolução legal e a anarquia	350
Felix de Dantes, — As influências ancestrais.....	10500	A Peregrinação do Mundo Novo.....	6500	Genésio Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....	550
Falho de Almeida.....		F. Castro e E. Fria — A Boca da Escuridão.....	8500	José Pral, — A burguesia e o proletariado.....	550
Lisboa Galante.....	10500	Flamarion.....		A necessidade da Associação.....	550
Estâncias de Arte e Saúde.....	9500	Iniciação astronômica.....	5500	Content, — Contra o confusãoismo.....	550
Figuras de destaque.....	9500	Contos de luar.....	5500	Alfredo Neves Dias, — Razão (poema social).....	550
Actores e Autores.....	9500	Como acabará o mundo?.....	7500	Ernesto da Silva, — Teatro livre.....	350
Contos.....	9500	Os habitantes dos outros mundos.....	4500	Arte Social.....	350
A Esquina.....	9500	Felix de Dantes, — As influências ancestrais.....	10500	Landauer, — Social Democracia.....	350
Aves Migradoras.....	9500	Falho de Almeida.....		R. Meia — O principio do fim.....	350
Barbear, Pentear.....	9500	Lisboa Galante.....	10500	A maçonaria e o proletariado.....	350
Cidade do Vício.....	9500	Estâncias de Arte e Saúde.....	9500	J. Most, — Peste religiosa.....	350
Pasquinadas.....	10500	Figuras de destaque.....	9500	João P. do Rio.....	
País das Uvas.....	9500	Actores e Autores.....	9500	Definições sociais.....	550
Saibam quantos.....	9500	Contos.....	9500	Horas anárquicas (versos).....	550
Vida errante.....	9500	A Esquina.....	9500	Trovas da Noite.....	1500
Vida irônica.....	9500	Aves Migradoras.....	9500	Roberto, o pescador.....	1500
Guerra Junqueira, — A morte de D. João	10500	Barbear, Pentear.....	9500	Memórias do Parque de São João do Forte.....	1500
Musa em férias.....	9500	Cidade do Vício.....	9500	— Carnet de Pensamento.....	250
Os Simples.....	7500	Pasquinadas.....	10500	J. Bakunin, — O sentido em que os anarquistas.....	550
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo).....	14500	País das Uvas.....	9500	Chueca, — Como não ser anarquista.....	550
Brochada.....	10500	Saibam quantos.....	9500	Lazare, — A Liberdade.....	550
Gorki, — Os Degenerados.....	4500	Vida errante.....	9500	B. Etrivant, — A minha defesa.....	550
Os Vagabundos.....	4500	Vida irônica.....	9500	I. Kropotkin.....	
Na Prisão.....	2550	Guerra Junqueira, — A morte de D. João	10500	Os bastiões da guerra.....	350
Ilsen, — Espectros.....	4500	Musa em férias.....	9500	Moral anarquista.....	550
Casa de bonecas.....	5500	Os Simples.....	7500	O espirito revolucionário.....	550
Jacquinet, — História Universal, 2 v.	10500	A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo).....	14500	O estado e o seu papel histórico.....	1550
Jaime Cortezão, — Adão e Eva (teatro).....	5500	Brochada.....	10500	J. Guedes — Lei dos Salários.....	550
José Bonet — A ciência redentora (novela).....	25	Gorki, — Os Degenerados.....	4500	Briand, — A greve geral.....	550
Jesus Teixeira — O mestre geral (novela).....	25	Os Vagabundos.....	4500	Roland, — Rússia Nova.....	550
		Na Prisão.....	2550	O Sindicalismo e o intelectualismo.....	550
		Ilsen, — Espectros.....	4500	D. Carvalho, — A gestão sindical no período revolucionário.....	550
		Casa de bonecas.....	5500	A. Hamon, — A crise do socialismo.....	550
		Jacquinet, — História Universal, 2 v.	10500	J. Santos, — A transformação da sociedade.....	550
		Jaime Cortezão, — Adão e Eva (teatro).....	5500	Neno Vasco.....	
		José Bonet — A ciência redentora (novela).....	25	Georgicas.....	150
		Jesus Teixeira — O mestre geral (novela).....	25	Greve de inquilinos, teatro.....	150
				Proletariado Histórico.....	150
				G. Archinof, — A Revolução social e o Sindicalismo.....	550
				Carlos Rates, — Aditadura do proletariado.....	150
				Emilio Chapellier — Porque não creio em Deus.....	150
				Rodolfo Rocker, — O sindicalismo revoluc. e a organização operária.....	150



CRONICA DO ESTRANGEIRO

Noticiário telegráfico

A travessia aérea do Atlântico

As incertezas sobre a sorte de dois aviadores franceses

NOVA YORK, 10.—Durante todo o dia de ontem receberam-se notícias confusas acerca do aviador francês Nungesser e do capitão observador Coli.

Pela tarde, chegaram informações de que Nungesser havia passado sobre Newfoundland, às 12,15, hora-de-verão inglesa, e depois sobre Alifax e Caperece.

Três telegramas expedidos, à noite, de Portland, Maine, dizem que o aeroplano, devido à escuridão, não pôde ser reconhecido pelos aviões exploradores, daí partindo em sua procura.

De Boston referem que um navio diviso o aparelho nas alturas de Islesboals, às 21 e 3 minutos.

Até às seis horas de hoje, o aviador francês Nungesser não tinha chegado a qualquer parte do território americano nem há qualquer notícia concreta acerca do que lhe tenha sucedido.

Devido à grande tempestade na costa receia-se muito da sua sorte.—(L.).

A emoção em Paris

PARIS, 10.—As primeiras notícias acerca do aviador Nungesser, que o davam como chegado a Nova York, originaram um grande entusiasmo no aeródromo de Le Bourget, assim como, em toda a cidade, tendo subido ao ar inúmeros foguetes e sendo igualmente disparados inúmeros tiros de revólver das varandas e janelas dos prédios, em sinal de regozijo.

Por esse mesmo motivo uma bateria de artilharia salvou em homenagem ao suposto feito aéreo.

Produziram-se depois manifestações hostis em frente da redação do "Matin" e de vários jornais americanos, por causa de estes terem publicado notícias prematuras acerca do voo de Nungesser, tendo a multidão queimado exemplares dos mesmos jornais.

A polícia interviu, pôs os manifestantes em debandada.—(L.).

A mesma ansiedade

PARIS, 4.—Continua a não haver notícias de Nungesser e de Coli, o mesmo sucedendo quanto a Saint-Roman.

A ansiedade e a angústia aumentam, de momento a momento, em Paris.

As redações dos jornais e as agências telegráficas são assaltadas pelo público ávido de informações acerca da sorte dos aviadores.—(L.).

NOVA YORK, 10.—Por motivo das más condições atmosféricas os aviadores americanos Bertram e Chamberlain adiaram a sua partida, para o voo transatlântico que se propõem realizar.

Todos os postos de T. S. F., de portos dos Estados Unidos expediram rádios à navegação, pedindo notícias do aviador francês Nungesser e que o socorram no caso de o encontrarem.—(L.).

Pequenas notícias

CIDADE DO CABO, 10.—As comissões de alteração na bandeira demitiram-se em face das instruções do governo que proíbem a inclusão do emblema do Império na bandeira, e os comités insistem nela.—(L.).

REIMS, 10.—Realiza-se amanhã com a maior solenidade a cerimônia da reabertura da catedral de Reims depois de restaurada. Em nome do governo assistirão a todos os actos o sr. Herriot, ministro da Instrução e das belas artes.—(L.).

OSLO, 10.—O partido socialista, renunciando à sua orientação anterior, aliou-se aos comunistas, opondo-se em conjunto a que a Noruega continue a fazer parte da Liga das Nações.—(L.).

PARIS, 10.—A conferência do norte de África aprovou uma proposta criando um posto rádio-telefónico ligando o norte-africano com o posto de T. S. F., existente no Sudão.—(L.).

LONDRES, 10.—O Manchester Guardian diz que nos meios oficiais de Londres se avalia agora o perigo criado por Stressemann pela delonga havida entre a Inglaterra e a França no solucionamento do problema da evacuação da Renânia.—(L.).

WASHINGTON, 10.—O almirante Latimer, comandante das forças norte-americanas na Nicarágua, pediu reforços ao seu governo para obrigar os nacionalistas a depor as armas.—(L.).

CHICAGO, 10.—Abateu um prédio nesta cidade tendo ocasionado 25 mortos.—(L.).

ATENAS, 10.—50.000 estrangeiros e gregos tomarão parte nas celebrações religiosas de Delphi, em homenagem ao famoso Santuário de Apolo.—(L.).

BUCAREST, 10.—Celebra-se hoje em todo o país o 50.º aniversário da Independência Nacional.—(L.).

METZ, 10.—Dois aviões militares incendiaram-se, morrendo 4 tripulantes.—(L.).

AGREMIações VARIAS

Instituto dos Ferrovias do Sul e Sueste.—Reúne no dia 15 do corrente a assembleia geral, pelas 14 horas, na sede do Instituto, rua Heliodoro Salgado, no Barreiro.

Se não houver número suficiente, reúne no dia 22 à mesma hora com qualquer número.

Sobre organização

II

A humanidade, nos seus primórdios, satisfaz as suas necessidades dentro dum organismo homogêneo, uno, simples. A semelhança da monera, cada parte do todo desempenha confusa e rudimentarmente todas as funções da sua vida simples. O agregado social correspondendo a necessidades grosseiras e vagamente sentidas era então uma confusa massa amorfa. As necessidades humanas, ainda muito rudimentares, satisfaziam-se por meio dum órgão rudimentar, simples, de natureza homogênea. Os fenômenos sociais passavam-se, coexistiam dentro dum todo em que um só órgão exercia, sem especialidades ou diferenciações, todas as funções. O mesmo órgão desempenhando funções diversas.

As necessidades genéticas, estéticas, intelectuais, morais, jurídicas e políticas, satisfaziam-se, ainda que rudimentarmente, dentro do mesmo órgão que então tinha por exclusivo a função económica—a horda.

Não há ainda órgãos especiais cuja função seja satisfazer cada um desses grupos de necessidades.

E dentro desse organismo económico, primitivo, que se satisfazem essas necessidades humanas, com carácter ainda rudimentar, mal esboçadas, simples, sem grandes exigências.

A confusão das funções encontra-se bem caracterizada no facto de que, quando há chefe—na horda, e mais tarde na tribo e no clan—ele é simultaneamente o regulador do trabalho, o distribuidor autoritário das utilidades, o chefe descrentado da mulher e da sua prole, o supremo representante e intérprete da divindade, o absoluto conhecedor do bem e do mal, o arbitrário julgador e vingador do procedimento alheio, o intratável senhor a quem todos devem obedecer servilmente, o sanguinário general, o despótico e tirânico senhor dirigente.

Tudo se encontra, pois, integrado no organismo económico rudimentar. Só com o tempo é que, intensificando-se as necessidades, estas criam sucessivamente órgãos especiais incumbidos de desempenharem funções distintas e particulares, começando esta especialização e diferenciação pelos órgãos mais simples e gerais, para terminar, para chegar à formação dos órgãos mais complexos e especiais. Da homogeneidade primitiva e grosseira passa-se progressivamente para a heterogeneidade subtil e intensiva.

A sociedade económica é a princípio simultaneamente familiar, religiosa, moral, jurídica e política, sendo impossível distinguir-se cada uma destas categorias de fenômenos sociais e destacá-las do conjunto.

Os indivíduos que se organizam para satisfazer as necessidades económicas não se agrupam, não se organizam logo depois para satisfazer as outras necessidades mais superiores, mas, sem dúvida, menos exigentes. Para que os seres humanos sintam as outras necessidades e tratem de satisfazê-las, carecem de possuir um superfluo económico, um bem-estar material suficiente de modo que a preocupação do estômago seja menos obscurante, que a luta pela existência seja menos aguda, menos intensa.

A diferenciação, a desintegração, opera-se então imperiosamente, em virtude da indispensável divisão das necessidades e da consequente divisão de funções e de trabalho.

O primeiro órgão social que nos encontramos é, como já dissemos, a horda, cujo aspecto se assemelha ao rebanho e cuja função essencial é económica. O ser humano na luta pela existência, agrupa-se, forma uma sociedade para procurar satisfazer a necessidade mais geral e mais imprescindível—o comer.

Ainda mal saído da pura animalidade, sem conhecimentos, nem raciocínio para produzir, os seres humanos limitam-se a procurar o alimento já feito; o seu trabalho consiste na busca dos alimentos que circulam e se produzem espontaneamente na natureza. Mas como a natureza é escassa e avor e nem em toda a parte eles encontram o alimento pronto a ser devorado, eles unem-se, formam agregados, constituem uma empresa, cujo fim é angariar os meios da subsistência sobria, andando à mercê da sorte, em cada dos lugares onde a haja. E onde a descobrem ali param. Uma vez, porém, exgotado esse lugar eles levantam o acampamento e metem-se novamente a caminho em procura de novos lugares em que haja comida.

(Continua)

CONFERÊNCIAS

"Aspectos da civilização oriental" pelo professor Tomás da Fonseca

COIMBRA, 6.—Com extraordinária concorrência, realizou-se a anunciada conferência do professor Tomás da Fonseca sobre a China.

No seu trabalho, que apresentou sob uma cuidada forma literária, o conhecido professor versou questões que vivamente prenderam a atenção da numerosa e selecta assistência durante mais de hora e meia, sendo especialmente dignos de atenção os pontos referentes à arte e arqueologia chinesas, que ilustrou com magníficas projecções luminosas, para esse fim expressamente executadas no gabinete da Geografia do Liceu Dr. José Falcão.

Em virtude das solicitações que lhe têm dirigido para que dê publicidade ao seu trabalho, consta-nos que o vai fazer, por intermédio dum conhecida casa editora.

Brevemente remetemos um pequeno extracto a fim de que os leitores de A Batalha possam avaliar da sua oportunidade e mérito literário.—C.

"A renovação portuguesa e os seus métodos"

Por iniciativa da Secção de Lisboa da Liga de Acção Educativa realiza o dr. sr. João Camoes na próxima segunda-feira, pelas 21,30 horas, na sala Algarve, da Sociedade de Geografia, uma conferência subordinada ao tema "A Renovação Portuguesa e seus métodos".

Terão entrada, além dos sócios da Sociedade de Geografia, todas as pessoas que se apresentarem munidas de cartões de convite que se distribuem na sede da Liga, rua da Madalena, 225, L.º, das 21 às 23 horas.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2500; pelo correio, 2850. Editado e administrado por A. Batalha.

CARTA DO PORTO

Uma medida violenta que vai dar maior publicidade ao já latido entreposto de Gaia

Cada vez se fica compreendendo menos a nossa nacionalidade. Se a bandeira simbólica que nos cobre, como um pinheiro manso com a sua deliciosa sombra, é a mesma ou diverge de região para região.

O país, a despeito de geográficamente ser um tanto anão em relação com outros colossos independentes e arrogantes, está todavia erigido de um labirinto de fronteiras, a propósito de tudo e a despropósito de nada. Daqui a pouco, para podermos palmilhar livremente na nossa própria terra, que é como costumamos delicadamente tratar aquilo que nos é usurpado pelos outros senhores feudais, são capazes de nos enrolarem com a exigência severa de uma espécie de podarosaia à Rússia czarista.

O discutidíssimo entreposto de Gaia já não estava a ser muito amorosamente encarado por múltiplas entidades belicistas nas cascas dos seus interesses sangrados. Mas o sobranceiro carregado da antipatia manifesta que os armazéns dos vinhos destas bandas albergam contra o entreposto, esprou-se, em nódos de animadversão, pelos supercilios, exageradamente arqueados do descontentamento, da massa popular.

A missanga populosa acaba de sofrer mais um golpe nas suas minudentes prerogativas de soberania.

Presume-se que se trate de um mal entendido, de um trap-de-zêla da miudagem burocrática e guardas-fiscalizadora em exibição soberba pelas estradas de Gaia que convergem ao centro da Serra.

Seja ou não, porém, mais atropelamento das ordens recebidas ou fiel execução do que lhes fora superiormente transmitido, o facto é que a discrasia oficial dos novos polícias barreiras do entreposto chocou, inesperadamente, com o golfo de mulheres e crianças que vão levar os parquíssimos jantares aos seus maridos, pais ou irmãos, que se molinam nas fábricas da Serra, ou nos seus armazéns.

Deixada em casa a última arrelvação do coação, os guardas-fiscais preveniram aos transportadores das plebeíssimas refeições, dos minguidíssimos projectos de pastos proletários, que ficava interdita a passagem, para o alto da vila onde se aquartela artilharia 5, de qualquer gonta de zurradeira destinada a borriar a triste alimentação dos que sopeadamente trabalham a tróco dum ratinhado salário.

Ai daquele, ou daquela, que tente, à soneta, transgredir tais deliberações.

Ficou tudo surpreso. Supuzeram, a princípio, que se tratava de chacota, de divertida rasteira de aza ao fêmeo, para diluição do tédio que deve amodorrar os guardas na chateza dos seus serviços.

Mas não, a coisa é séria—e toda a pobre gente que leva a comida aos seus, derivou, desordenadamente, para um praguejo encastelado a zurrir, enraivecida e arquitectóricamente, todos aqueles que se digestionam na entreteiga de novas leis que erguem ao povo a multiplicação ideológica dos implacáveis Termos de pau, de pedra ou de carne—osso enfiados numa guarita encostada a um muro.

No aranzel indignado dos seus ávidos camarlantes pergunta a população excitadamente: "Mas que diabo de diferença fará aos lavradores do Alto Douro os escorripichados dois decilitros de vinho que cada criaturinha de Deus leve, à hora do jantar, aos seus homens, aos seus filhos, aos seus irmãos?" Será para, na Serra, comprarmos mais caro a mesma mijoca que compramos ao pé da porta, mais barato um dos vinhos—sendo, afinal, a mesma chumbeira—um para casa, outro para a fábrica ou oficina?

As ordens, são ordens, e elas têm-se de cumprir—quer a turba diga que sempre em todos os tempos se permitiu a livre circulação do tradicional meio quartilho nos baús ou açafates das refeições, quer ela diga que é um abuso irritantemente inexplicável.

Solidariedade

Uma festa de homenagem

De homenagem a um antigo músico, que muitos serviços tem prestado em várias associações de recreio, uma comissão promove uma festa de solidariedade, no domingo, 29 do corrente, de tarde, na Academia do Comando Geral de Artilharia, festa cheia de atrações, para a qual prometeram a sua cooperação a actriz D. Maria Cardim, o actor Francisco Moreira e grande número de amadores. A Sociedade Filarmónica União Chelense executará um concerto musical, e um dos números mais sensacionais será certamente a apresentação da Troupe Gounod, grupo de artistas que em toda a parte onde se apresentam são alvo de justas ovacões. Também se apresentará pela primeira vez o enre-acto de propaganda "A Bandeira Vermelha", original de Fernandes Alves, desempenhado por dois amadores.

CRISE DE TRABALHO

Vai ser licenciado parte do pessoal da antiga Escola Normal

Fomos ontem procurados pelos operários Filipe Fernandes, António Gomes e João Raio, que, em nome do pessoal das obras da antiga Escola Normal, hoje Adolfo Coelho, nos vieram declarar que ontem foi notificado ao pessoal, pelo engenheiro da obra, que parte dele seria licenciado no dia 18, em virtude da falta de verba.

A consumar-se este facto, teremos amanhã mais 38 operários no inlavor, que representam algumas centenas de pessoas.

Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A liberdade..... \$50
A Internacional (música e letra)..... \$30
Pedidos a A BATALHA ou no Caído Sodré, 82

E o rigor desta importante moda vinícola não tem mãos a medir no revestimento feito a todas as mulheres que passam, em cortejo apressado à Serra, a levar o chorado alimento de quem precisa dele...

E' por isso que cada vez se compreende menos a nossa exótica nacionalidade...

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo.....	\$50
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Loforgne.....	\$50
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva.....	\$150
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar.....	\$100
A Humanidade, por Taraf Javol.....	\$150
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin.....	\$200
Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchoter.....	\$200
Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série.....	\$250
O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva.....	\$250
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas.....	\$300
A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia.....	\$350
A Filologia perante a História, por Nobre França.....	\$500
Os direitos do Estado, por A. Levisse Teófilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho.....	\$300
O que é o socialismo, por E. Soisson.....	\$150
O corpo humano, por A. Levisse.....	\$250
Gravidez e parto, pelo dr. Desvurmeaux.....	\$150
Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira.....	\$200
Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira.....	\$150
O concílio de Trento e a Civilização Moderna, por Alexandre Barbas.....	\$350

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA, "IDEARIO", que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação Libertária — Tática — Evolução da Revolução — Violência — Libertad / Autoridade — Ensayos Filosóficos — Interiores — Ideias Económicas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Homens Representativos — Trabalhos Polémicos — Lecturas — Fragmento Inédito.

Preço 18300—Pelo correio 19350
Pedidos a Administração de A BATALHA.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rucker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha. A revolução Social e o Sindicalismo. Por Arkinoi. Preço 1550.

UM DRAMA MUNDIAL

Comentários de um jornal conservador da América em volta do processo contra dois operários italianos

Boston, 15 de Abril.—Por muita antipatia que manifeste a opinião norte-americana e por muito profundo que seja o ódio de Thayer, é indiscutível que o protesto das correntes liberais e socialistas de todas as tendências e do mundo inteiro faz péso sensível nas decisões oficiais dos Estados Unidos acerca da sentença que condenou injustamente dois anarquistas italianos, cujos nomes se pronunciam com emoção diversa em todos os países. Não é possível despachar friamente—cumpra-se o disposto—num processo tão vivamente discutido, e que os que possam impedir a prática fatal de um erro de justiça tomem a atitude de Pilatos.

Um correspondente do New York Times disse, num seu editorial, que o Tribunal Supremo de Massachusetts, ao negar-se a outorgar um novo julgamento, apenas considerou uma questão de legalidade. Acrescentou ainda que, tendo-se em conta o longo período decorrido desde o julgamento e condenação de Sacco e Vanzetti, não poderia deixar de apresentar-se um caso, não já de justiça tardia, mas de justiça duvidosa. E depois declara:

"Quando esse processo, tão famoso e tão discutido, com tais conclusões seja submetido ao governador de Massachusetts, sr. Fuller, para uma suprema decisão, não resta dúvida de que ante si verá colocada um severo e penoso dever; mas é possível admitir-se que a justiça ficaria melhor servida com o uso de clemência, agora, que inúmeros advogados, homens e mulheres de consciência de todo o mundo, sentiram perturbadas as suas faculdades com a natureza das provas em que se fundamentou a condenação de Sacco e Vanzetti."

"O carácter do dilema que se antepõe ao sr. Fuller node deduzir-se das palavras do

POR TERRAS DO MONDEGO

A "Gráfica Conimbricense" exemplo da moral católica

A "Gráfica Conimbricense" é a "roça" que hoje vamos focar nas colunas de A Batalha e que, se não estamos em erro, já mais de uma vez forneceu assunto para crónicas de crítica à exploração que ali é exercida.

Propriedade não sabemos ao certo de que congregação religiosa, os estabelecimentos gráficos acima denominados, são superiormente dirigidos por criaturas da maior intimidade católica, que diariamente se não esquecem de comungar e que, já-mais, também, se olvidam de ir, numa prática reitricada dos preceitos da doutrina de Cristo, lendo o mais que podem seus operários, cercandolhes os ratinhos dos direitos e violentando-os com condições de trabalho que são oprobiosas.

Principiando por exercer uma vergonhosa e ridícula espionagem nas ideias de cada um dos seus assalariados, a cáfila de tsonurados que nas referidas oficinas pontificam, aproveita-se agora, com a crise que grassa e lança os produtores na mais infeliz oferta de braços,—para fazer triunfar os absurdos dogmas das suas mentirosas crenças, da miséria dos esmiameados produtores que não têm onde ocupar suas actividades.

Como é fatal, em Coimbra, por ocasião das férias, a indústria gráfica resente-se sempre, e o trabalho escasseia a ponto do número de dias se reduzir a metade da semana.

Por essas ocasiões, a par dessa medida, os patrões costumam tomar uma outra, a de despedir pessoal, com a alegação da falta de que fazer e sem se importarem com os operários assim atingidos por despedimento brusco, fiquem ou não reduzidos a mais extrema penúria.

Isto, é claro, é uma das muitas consequências perniciosas do sistema social vigente, baseado no Estado e no capitalismo amparados pela Igreja.

E mal que se na transformação da sociedade tem remédio e que perdurará enquanto esta se não fizer no sentido amplo e perfeito da liberdade para todos, sem solismas nem restrições, que os anarquistas desejam.

Mas voltemos ao assunto de que nos vamos já a afastar, e falemos nos preceitos religiosos de os dirigentes da "Gráfica" encararem as crises e a maneira miraculosa de as debelarem.

Quando essas crises se dão—o que acontece periodicamente—à prevenção imediata tomada é a redução de pessoal.

Contudo, o número de horas de trabalho que é dez, não sofre alteração no sentido de diminuir, como logicamente está indicado que fosse a primeira medida a tomar para transanar o avanço do prejuízo. Continuum, pois, a vigorar as mesmas dez horas de labuta para os que não foram despedidos e a subsistir a mesma razão de falta de trabalho para o licenciamento de outros.

Quasi que chega a ser incrível, mas tudo isto é verídico e catolicamente possível.

Deus ordenou aos crentes que dessem de comer aos que têm fome e que essa acção meritória ficaria tida como uma das obras de misericórdia, também disse, mas os padres e todos os outros de sotainas vestidas praticam assim:—provocam eles próprios a crise violentando os operários a trabalhar horas superfluas e depois, quando ela se dá, atiram-nos para a rua, sem pão para comerem, a afundarem-se na miséria.

E nesta senda criminosa da mais vil exploração seguem sempre, a apertar o mais que podem o torniquete da tortura patronal que alguns operários sofrem passivos, tão inconscientes que são, os desgraçados!

A preocupação daninha dos católicos não cessa, com este procedimento torpissimo, e continua à mesma a dar mostras de persistir numa revelação mais convincente que não deixe dúvidas sobre a sua malandrice.

Para tornar mais viável e frutuosa a exploração com que vitima os seus assalariados incluiu no número destes umas quantas mulheres que desempenham o trabalho de compositoras tipográficas e que por troca recebem uns irrisórios proventos. Trabalham as mulheres, a comportar, as mesmas dez horas que os homens, e não recebem de salário mais que 9500 (nove escudos diários).

Naquelas oficinas decorre a existência dos operários ao sabor, como se vê, da ganância dos seus proprietários que se não sacia e sempre cresce à medida que não esbarra com tenaz oposição.

O catolicismo inspira-lhes o procedimento, que não qualificamos por temermos fazê-lo com pouco rigor, e, portanto, nada há que estranhar de toda a acção pífida dos proprietários da "Gráfica Conimbricense".

Educados, os seus proprietários, nos princípios da moral católica, as oficinas, necessariamente que se teriam de tornar exemplos vivos do resultado ético que eles colhem.

E esse resultado não podia ter sido mais lisongeiro, visto que a "Gráfica Conimbricense" é aqui uma vasta "roça" que traz agrihados os seus escravos sob a coacção religiosa e cujos "sobas, de opas vestidas, se não poupam ao cuidado de infamemente os explorarem.

A. N.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

Times, a propósito do apelo que se fez em favor dos liberais italianos acusados de conspiração contra Mazzini:—se os executadores, fareis obra de justiça; selhes recordados, cometeis um acto de caridade. —Estas são as alternativas que se apresentam ao sr. Fuller.

O dilema pôsto diante do governador de Massachusetts é de ferro. Mas o indulto da pena de morte que recai sobre Sacco e Vanzetti, se é um acto de clemência, não é uma reparação de justiça. A condenação ao presidio, para toda a vida, dessas vítimas do ódio de classe, perpetuará a injustiça cometida e o martírio de dois homens cuja inocência tem sido afirmada por milhões de indivíduos.

A faculdade de indulto do governador Fuller não vai a ponto de reparar as consequências do acto de vingança cometida pelos juizes nas pessoas de Sacco e Vanzetti.

NO REGIME CAPITALISTA

Uma reivindicação proletária que se transforma em pregão reformista

NOVA YORK, Abril.—A União do Vestuário foi longe na sua conquista de cinco dias por semana de trabalho. Esta organização sindical independente, cujo último congresso se realizou há um ano, decidiu que se lutasse pela regalia de cinco dias de trabalho.

Quais foram as causas que tão bruscamente colocaram esta questão na América? O facto fôra este: a especialidade de abafos e peles havia, pouco antes, declarado a greve, com a reclamação da "semana de cinco dias" ou 40 horas. Após 18 semanas de luta, os operários obtinham a vitória.

Depois, verificou-se uma mudança repentina no espírito dos trabalhadores. Os sentados reformistas, que se haviam oposto à reivindicação, desandaram a clamar que a vitória daqueles operários era justa e inevitável. O sr. Groen, que anteriormente havia procurado que fracassasse a greve e forçar os trabalhadores a aceitar a semana de 44 horas, atribuiu-se o mérito da vitória do movimento e a indicá-la como demonstrando as vantagens da colaboração de classes. A tiragem de um boletim fabril dos operários da casa Ford—O operário da Ford—elevou-se a 9.000 exemplares e o sr. Ford não viu isso com bons olhos e lançou então a sua famosa declaração.

Verifica-se, pois, que o movimento em prol da semana de cinco dias teve, no seu início, um carácter revolucionário e veio a declinar numa teoria reformista da Federação Americana do Trabalho e claro, com várias emendas. Mas esta reforma ganhou tal popularidade nas classes operárias que Gary, presidente do trust do aço, e Edgerton, presidente da associação dos proprietários de fábricas, se aterrorizaram e se sentiram forçados a recorrer à protecção de Deus para que desviasse a onda.

A burocracia dos sindicatos americanos está tão corrompida que já não reivindica melhoria de situação para os operários, a não ser que uma pressão de baixo a isso a force.

E' indubitável que ninguém teria falado da semana de cinco dias no congresso da F. A. T., em Outubro último, se não fosse a "desagradável" vitória que esta reivindicação obteve em Nova York. As condições económicas dos Estados Unidos são muito favoráveis para que a classe operária estabeleça novas reivindicações.

INFORMAÇÃO TELEGRAFICA

O mundo dos negócios

A finança japonesa

TOQUIO, 10.—As duas câmaras encerraram, ontem, os seus trabalhos, depois de terem aprovado um adicional de 750 milhões de yen aos 800 milhões votados para atenuar a crise bancária. O Banco Fawaiu reabre hoje todas as filiais e agências.—(L.).

Negociações de um negócio

BERLIN, 10.—Os sindicatos carvoeiros de Gotingers, Heidelberg, Leipzig, Munich, Viena, Budapeste e Berlim, estão em negociações com os compradores de coque francês sobre a entrada e toneladas a fornecer, tendo já assente no preço, que será o actual.—(L.).

Um tratado de comércio

LONDRES, 10.—O embaixador da França em Londres, sr. Fleuriat, disse ontem, numa reunião da câmara de comércio, que tinha as melhores esperanças de que em breve seja um facto o tratado comercial franco-britânico.—(L.).

A penúria francesa...

PARIS, 10.—Na sessão de abertura da câmara dos deputados, que se realiza hoje, o sr. Poincar